

Quero Viver!

Todo viciado em drogas é um mundo em si mesmo. Um universo único e trágico. Marisa Rusconi e Guido Blumir, autores da pesquisa «As drogas e a sociedade», colheram declarações inéditas de viciados de 15 a 40 anos que vivem na Itália — gente de todos os níveis sociais e graus de educação. E todas as suas histórias mostram que a droga nunca é uma «salvação»

MARISA RUSCONI e GUIDO BLUMIR

Vito*

E RA ABRIL. Um amigo tinha chegado de Istambul com uma grande quantidade de hashixe. Eu tinha algum «ácido». Resolvemos então fazer uma «viagem» juntos. Vagamos toda a noite por Florença. Fomos para uma praça onde havia uma fonte jorrando água. «Olhe, baratas», disse o meu amigo. «Onde está vendo baratas?» Alguns minutos depois, também comecei a vê-las. Elas estavam por toda parte. Subi no muro da fonte, porque não sabia como me livrar delas. Meu amigo disse: «As baratas morrem na água, vamos afogá-las.» «Não», respondi,

«todo mundo sabe que elas só morrem esmagadas; vamos esperar que elas cheguem mais perto para esmagá-las.» Vi quando elas se aproximavam. O lugar estava cheio. Finalmente, pulamos dentro da fonte. Só saímos de lá quando já não estávamos dopados.

Oscar

ATÉ 1969, tomei muita maconha e xarope para tosse. Então, fiquei doente. Depois disto, fiz a mim mesmo inúmeras perguntas, e cheguei à conclusão de que a droga é útil se nos faz entender que é preciso cair fora de qualquer espécie de droga. E se não tomar cuidado, está arriscado a se tornar um adepto da «picada». Todos os meus amigos são viciados, mas ninguém fica doutrinando um ao outro. Nem eu. Nin-

* Como a lei castiga, com a mesma severidade, tanto os viciados como os traficantes, os nomes das pessoas entrevistadas foram trocados, e as referências que pudessem incriminá-las foram omitidas.

guém é capaz de dizer: «Cuidado, cara, que você está cortando o seu próprio pescoço.» Em vez disso, só ouvimos: «Passe a maconha», ou «me dê um pouco do ácido», ou «vamos tomar um *pico*, que é o maior *barato*», ou ainda «vamos entrar numa *boa*, e fazer uma *viagem* até as estrelas».

Tudo isto é um monte de asneiras, porque, quando passa o efeito, a gente se sente *na fossa* como sempre. E eu fico revoltado quando penso que ninguém tem coragem de nos descrever como se sente na verdade. Mesmo que, por dentro, você esteja convencido, isto não o fará convencer os outros. É assim que cresce a mística da droga.

Krishna

TENHO passado noites chorando como uma criança, porque andei com uma turma que sempre «tomava um *pico*», quando não tinha nada melhor a fazer. Eram rapazes e moças tão magros que já estavam pele e osso. Havia um garoto que tomava heroína; depois de todos aqueles «picos», suas veias se atrofiaram, e ele começou a aplicá-los nas carótidas. Quando estas também secaram, ele passou a injetar a droga dentro dos olhos. Eu já não suportava mais ver os meus amigos daquele jeito. Então pensei comigo: Eu ainda acredito na vida, e eles não. Mas, em pouco tempo, eu também estarei como eles. E, como não quero ficar no estado deplorável em que ficaram esses meus companheiros, eu choro.

Martino

UMA TARDE, tomei uma grande dose de «ácido», e comecei a achar que todo mundo estava olhando para mim. Eu ainda estava muito «alto» quando deixei meus amigos, e comecei a vagar à noite pelas ruas de Turim. E assim fui andando, sem rumo, completamente aterrorizado. Achava que alguém estava me seguindo. Queria fugir de alguma maneira, mas continuei rodando, sempre me sentindo perseguido.

Finalmente, encontrei um amigo e lhe disse: «Há alguém me seguindo. Posso até o ouvir andando.» Ele me respondeu: «Você está paranóico, não há ninguém seguindo, olhe para trás e veja.»

Olhei e não vi ninguém, mas pensei: «Talvez haja um homem ali», e vi uma sombra. Disse para o meu amigo: «Por favor, vamos olhar para além da esquina.» Então, vi mais sombras, e ouvi muitos ruídos de passos nos seguindo. A paranóia me atacava os olhos e ouvidos.

Adriano

NESTES últimos cinco anos, tomei toda espécie de drogas, desde as mais fracas às mais fortes. Acho que não deixei nada sem experimentar. Mas, hoje, cheguei à conclusão de que estou muito melhor sem elas. Acho que já superei a pior fase de minha vida. Agora, consigo me relacionar com os outros. Confio nas pessoas, e quero desfrutar a vida. Acredito que haja uma solução para os pro-

blemas da nossa sociedade, e espero que seja através da compreensão e da capacidade de amar. Comecei a levar as pessoas em conta, e a gostar delas pelo que são, respeitando as coisas, desde os sapatos que uso ao pão que como e à água que bebo, amando todas as coisas pelo seu valor intrínseco, e por isso a vida já não me parece sem finalidade.

Fabrizio

SE ALGUÉM pensa que vai resolver seus problemas com a droga, está enganado. Só sei que a droga me ajudou a enfrentar um dilema que eu não tinha condições de enfrentar: é melhor ser feliz artificialmente, ou conhecer a realidade e ser miserável? Eu queria ser um saudável débil mental, mas não era. De qualquer maneira, não me importo se, agora, sou feliz ou não. Estou bem assim. Por que estou tomando «picos», então? Porque sei que não presto. Estou me punindo com a droga. Quem se droga está se autodestruindo.

Raffaele

FUMEI muita maconha e tomei muito «ácido», mas agora deixei tudo. Alguns ficam sem saber o que fazer, se não têm nada para fumar. Devemos deixar que as pessoas façam o que quiserem, mas não somos obrigados a fazer o mesmo. Ninguém precisa de droga para con-

versar, construir ou destruir. O que eu gostaria de ter, mesmo, era um pedaço de chão para plantar uma árvore.

«Sballo»

ESTOU cansado, mas continuo na coisa até o pescoço. Isto me apavora, porque vejo todos os meus amigos completamente viciados.

Eles estão «viajando» com «bolinhas». Todo mundo é livre para escolher a maneira como quer morrer, mas esta é estúpida demais.

«Bolinhas» fazem entender tudo depressa, mas também matam depressa.

Eu estou nessa, mas quero sair. Quero continuar vivo. Há seis anos, não tenho tido nenhum problema com as «bolinhas» ou qualquer espécie de narcóticos, mas, ontem à noite, minha consciência me deixou louco. Um amigo meu foi para a prisão logo que saiu do hospital; outro estava tão mal que teve que voltar para casa: tinha medo até da própria sombra; outra conhecida minha acha que *tem* de sofrer, e já não tem condições nem de pensar. Finalmente, entendi que as pessoas que deixam o vício são mais livres que os viciados. Essa é a minha opinião. Hoje me sinto útil, e minha mente é clara.

Não quero morrer e perder a liberdade que suei tanto para conseguir. Quero viver.



HOSPITALIDADE é a arte de fazer com que as pessoas tenham vontade de ficar, sem interferir com a sua hora de sair.

— R. C.